Capanema, um intelectual apegado ao poder

Veronica Aguilera

Publicado em O Globo, 29 de julho de 2000

Amante da cultura, ministro de Educação de Vargas cercou-se de escritores, artistas plásticos e arquitetos

Resenha de Tempos de Capanema, de Simon Schwartzman, Helena Mana Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa. Editora FGV, 439 páginas. RS 39

"Voltar aos tempos de Capanema é voltar, de alguma forma, às matrizes de valores, ideias e instituições que ainda perduram em nosso inconsciente, encarnados em nossas leis e instituições, e que nos impedem de saber se realmente ainda as queremos, ou se devemos procurar outros rumos e alternativas". Com essa visão, os professores e pesquisadores Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet e Vanda Maria Ribeiro Costa introduzem a segunda edição do livro "Tempos de Capanema", que vem à luz no centenário de nascimento de Gustavo Capanema, ministro da Educação e da Saúde Pública de Vargas, de 1934 a 1945.

Trabalho rememora a obra e política e administrativa

Publicado pela primeira vez em 1984, como resultado de pesquisas realizadas no arquivo Gustavo Capanema do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, o trabalho rememora a carreira e a obra política e administrativa do estadista mineiro no período do Estado Novo e da primeira administração Vargas e retoma um passado recente cujas marcas ainda se fazem sentir. Dois temas em especial se destacam para reflexão: a evolução do sistema educacional no Brasil e o relacionamento entre a intelectualidade e o poder político.

Nascido e criado no seio da elite mineira, Capanema fez parte do grupo de jovens conhecidos como os intelectuais da Rua da Bahia, na Belo Horizonte da década de 20. Entre esses, Abgar Renault, Pedro Aleixo, Emílio Moura, João Alfonsus, Afonso Arinos de Melo Franco, Milton Campos, Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, que viria a ser chefe de gabinete do ministro.

“Os intelectuais da Rua da Bahia" — ressaltam os pesquisadores — “não eram, basicamente, homens de letras perdidos na provinciana Belo Horizonte, mas uma geração bem-nascida, bem-educada, e represada em suas aspirações de influência e poder. Ela se constitui assim em i*ntelligentsia* que olhava inevitavelmente com rancor e desesperança para as oportunidades que os velhos oligarcas do Palácio da Liberdade lhes negavam. Abertas as comportas do sistema político com a revolução de 30, estes jovens, em sua maioria, lançaram-se com todas as forças à vida política, sem trair, mas na realidade cumprindo sua vocação de intelectuais".

Poucos, a exemplo de Drummond e Emílio Moura, se lançariam à literatura como forma mais alta de realização pessoal. A política foi o caminho para a grande maioria deles. Capanema e Drummond parecem ter resolvido, na prática, “a questão do relacionamento sempre difícil entre o intelectual e o poder, através de uma associação na qual cada um assumia de forma exclusiva um dos papéis”, conforme analisam os pesquisadores. O ministro jamais renunciou, no entanto, explicitamente, à sua pretensão intelectual; a par de sua preocupação com as questões relativas à educação e à cultura, provam-no ainda a amizade pessoal que mantinha com escritores, pintores e artistas.

Além do grupo da Rua da Bahia, Capanema reunia à sua volta homens como Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Villa Lobos, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, fora educadores do porte de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, pioneiros e formuladores de projetos políticos e educacionais que movimentaram os debates em torno da educação no Brasil a partir da segunda década do século.

“Como entender que figuras de horizontes aparentemente tão abertos convivessem com políticas de cunho autoritário e repressor, como o fechamento da Universidade do Distrito Federal em

1939, a criação do movimento Juventude Brasileira, de inspiração inequívoca do fascismo e ainda a perseguição aos intelectuais de pensamento liberal, identificadas pelas lideranças conservadoras do Estado com movimentos de esquerda? “Visceralmente apegado ao Governo, a qualquer Governo” — observa Afonso Arinos Filho, em prefácio ao livro — “Capanema serviria Vargas até ao fim, com fidelidade inquebrantável”. No Ministério, se apresentaria sempre como o intelectual no poder. Sua sensibilidade à arte e a amizade com arquitetos e artistas plásticos resultaram, inclusive, na construção do prédio do Ministério, no Rio, um dos marcos da arquitetura moderna brasileira.

Tensões na convivência com Mário e Drummond

Mas os arquivos também revelam, particularmente na correspondência entre Capanema, Mário de Andrade e Drummond, que essa não era uma convivência tranquila, mas, sim, cheia de tensões e ansiedades. Só o olhar isento poderá descobrir nos fatos e nos textos alguma resposta, se é que existe. Por cima de tudo, no entanto, entre homens como Drummond e Capanema, a par de uma sólida amizade, pairava uma independência de espírito, de que dão prova as cartas reproduzidas no apêndice do livro.

Sobre as polêmicas reformas educacionais de Capanema, uma das marcas mais fortes foi a defesa irrestrita de um ensino público abrangente, padronizado e centralizador, que tinha no secundário a sua espinha dorsal. O Plano Nacional da Educação, o ensino profissionalizante industrial, os embates e o entendimento com a Igreja Católica e os projetos de uma Universidade centralizadora ponteiam a revisão histórica desse projeto educacional.

O livro ajuda a entender a origem de muitas práticas atuais, fruto de opções de uma determinada época e, embora seus autores reconheçam que um efetivo balanço seja tarefa muito complexa, passível de novo trabalho, concluem que “o Ministério Capanema tinha uma visão do futuro, um mundo que queria construir, e que, de alguma forma — frequentemente imperfeita, frequentemente contraditória — coincidia com outras visões que outras pessoas e grupos, dentro e fora do Ministério, tratavam de realizar. Talvez seja esta grandeza de intenções o que explique uma certa mística que ainda hoje envolve os tempos de Capanema."

É talvez seja essa mística que faça com que este mineiro nascido em Pitangui, em 1900, ainda seja celebrado, apesar de ter sido ministro na ditadura de Vargas. Ainda dentro das comemorações de seu centenário, em agosto— mês do nascimento — sairá pela editora Nova Fronteira, de autoria do ex-senador Murilo Badaró, a biografia “Gustavo Capanema, a revolução na cultura”.

VERÓNICA AGUILERA é jornalista e pesquisadora em Língua Portuguesa.